

Uma orquestra de minorias & Os pescadores

Chigozie Obioma

GLOBALIVROS

SLIP

DO MESMO AUTOR DE *OS PESCADORES*

CHIGOZIE
OBIOMA



UMA
ORQUESTRA
DE
MINORIAS



GOBOLIVROS

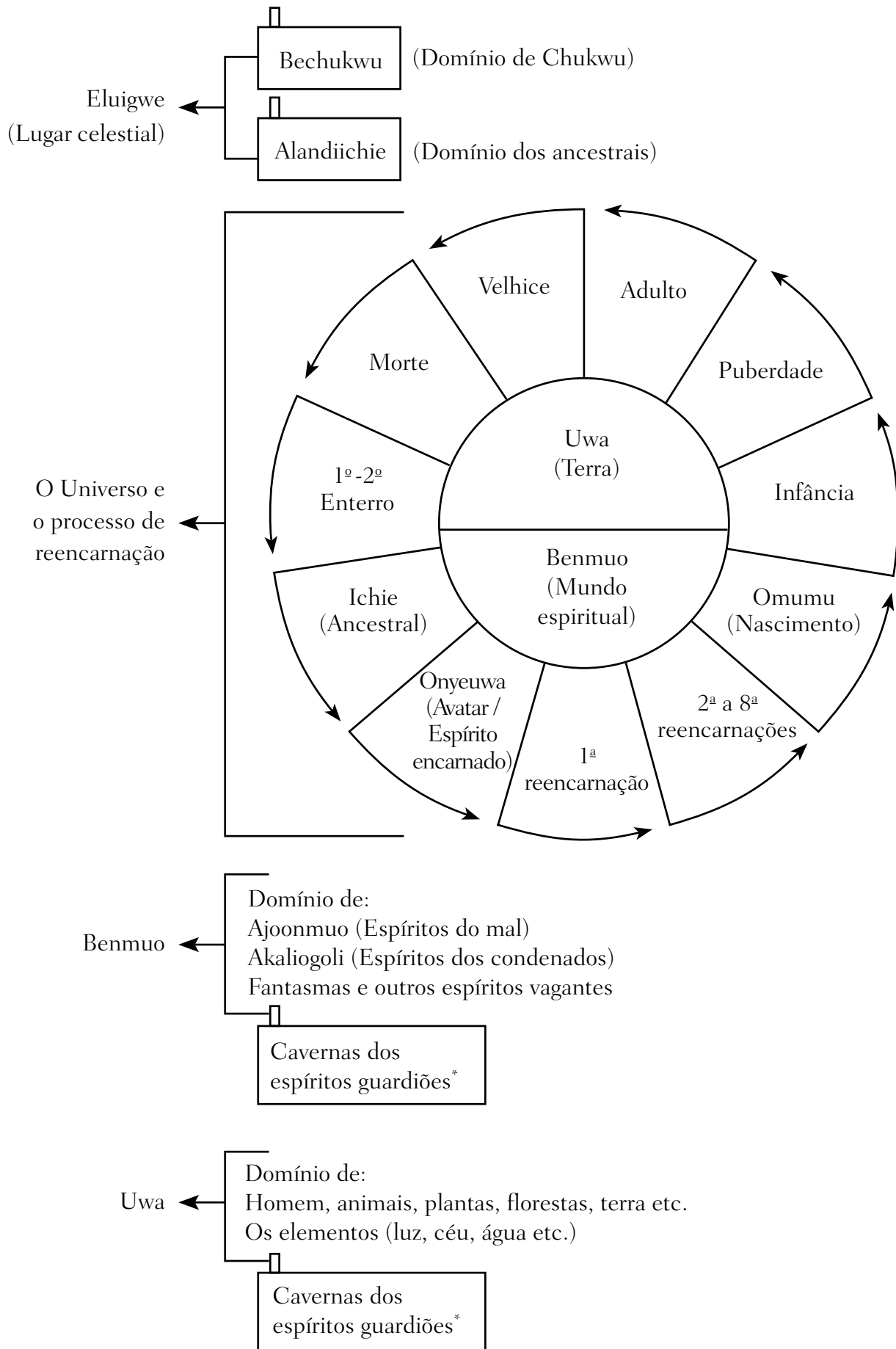
Chigozie Obioma

UMA ORQUESTRA DE MINORIAS

Tradução: Claudio Carina

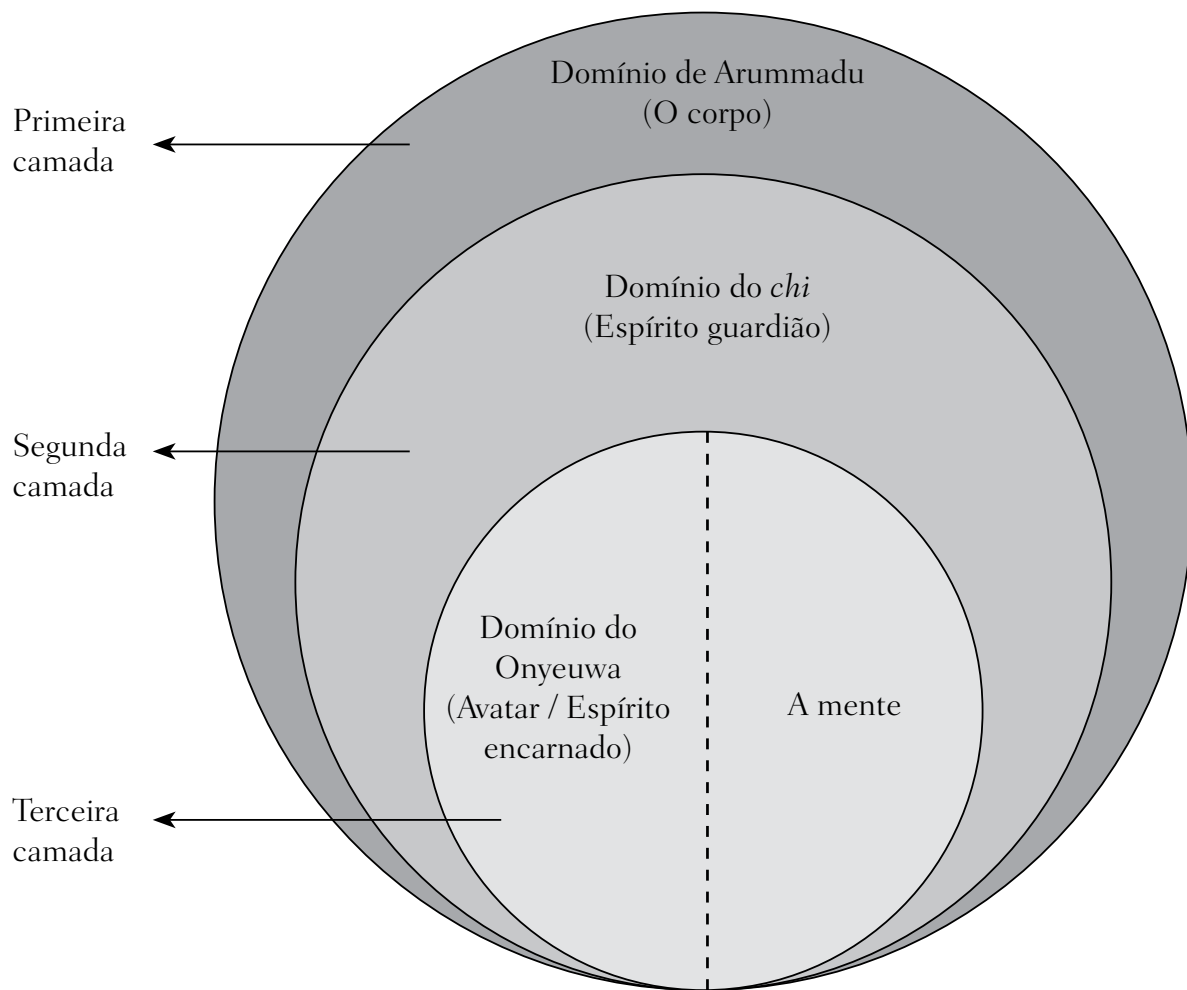
GLOBALIVROS

MAPA DA COSMOLOGIA IGBO



* Existem nos dois domínios.

COMPOSIÇÃO DO HOMEM NA COSMOLOGIA IGBO



U_M

PRIMEIRO ENCANTAMENTO

OBASIDINELU...

AQUI ESTOU DIANTE DE SUA MAGNIFICENTE corte de Bechukwu, em Eluigwe, a terra da luz eterna e luminosa, onde a canção perpétua da flauta paira no ar...

Como outros espíritos guardiões, já estive em Uwa em muitos ciclos de reencarnação, cada vez habitando um corpo recém-criado...

Vim rapidamente, voando desimpedido como uma lança atravessando o espaço imenso do Universo, porque minha mensagem é urgente, uma questão de vida ou morte...

Sei que um *chi* deve testemunhar ante a você se seu hospedeiro estiver morto e se a alma de seu hospedeiro ascendeu a Benmuo, o espaço limítrofe repleto de espíritos e seres desencarnados de todas as escalas e matizes. E só então você requisita que os espíritos guardiões venham até o lugar onde mora, esta grande corte celestial, para pedir a garantia da passagem segura de nossos hospedeiros até Alandiichie, a moradia dos antepassados...

Fazemos essa interseção por sabermos que a alma de um homem só pode retornar ao mundo na forma de um *onyeunwa*, para renascer, se essa alma for recebida nos domínios dos ancestrais...

Chukwu, criador de tudo, admito que fiz algo fora do comum ao vir aqui agora para prestar testemunho enquanto meu hospedeiro ainda está vivo...

Mas estou aqui porque os antigos pais dizem que só trazemos uma lâmina suficientemente afiada para cortar a lenha da floresta. Se uma situação exige medidas extremas, deve-se conceder...

Dizem que o pó está no chão e as estrelas no céu. Que não se misturam...

Dizem que uma sombra pode ser modelada a partir de um homem, mas um homem não morre por uma sombra tê-lo abandonado...

Vim interceder em nome de meu hospedeiro porque ele cometeu o tipo de coisa pela qual Ala, a regente da Terra, deve buscar compensação...

Porque Ala proíbe que uma pessoa faça mal a uma mulher grávida, seja homem ou animal...

Pois a Terra pertence a ela, a grande mãe da humanidade, a mais grandiosa de todas as criaturas, somente abaixo de você, de um gênero e espécie que nenhum homem ou espírito conhecem...

Vim porque temo que ela levante a mão contra meu hospedeiro, conhecido neste ciclo de vida como Chinonso Solomon Olisa...

É por isso que vim logo até aqui para testemunhar tudo que presenciei e persuadir você e a grande deusa de que, em sendo verdade o que receio ter acontecido, que seja entendido que ele cometeu esse grande crime por engano, sem saber...

Apesar de relatar a maioria dos fatos com minhas palavras, elas serão verdadeiras porque ele e eu somos *um*. A voz dele é a minha voz. Falar das suas palavras como se ele fosse diferente de mim é como submeter minhas palavras como se enunciadas por outro...

Você é o criador do Universo, patrono dos quatro dias — Eke, Orie, Afor e Nkwo — que compõem a semana dos igbos...

A você os antigos pais atribuem nomes e honrarias numerosas demais para contar: Chukwu, Egbunu, Oseburuwa, Ezeuwa, Ebubedike, Gaganaogwu, Agujiegbe, Obasidinelu, Agbatta-Alumalu, Ijango-ijango, Okaaome, Akwaakwuru e muitos outros...

Aqui estou diante de você, ousado como a língua de um rei, para defender a causa de meu hospedeiro, sabendo que ouvirá minha voz...

I

A MULHER NA PONTE

CHUKWU, se alguém for um espírito guardião mandado pela primeira vez para habitar um hospedeiro que veio ao mundo em Umuahia, uma cidade na terra dos grandes pais, a primeira coisa a surpreender o espírito seria a imensidão da terra. Quando o espírito guardião desce com o corpo reencarnado do novo hospedeiro em direção à terra, o que se revela ao olho é assombroso. Subitamente, como se alguma cortina primordial fosse aberta, estamos expostos a uma extensão de vegetação verde e luxuriante. Ao nos aproximarmos de Umuahia, somos seduzidos pelos elementos ao redor da terra dos pais: as montanhas, a grande e densa floresta de Ogbuti-ukwu, uma floresta tão antiga quanto o primeiro homem que nela caçou. Os pais originais foram informados de que os sinais da explosão cósmica que deu origem ao mundo podiam ser vistos aqui e que, desde o início, quando o mundo foi compartimentado em céu, água, floresta e terra, a floresta de Ogbuti se tornou um país, um país mais vasto que qualquer poema escrito a seu respeito. As folhas das árvores mostram uma história rústica do Universo. Mas, além da exaltação da grande floresta, nos tornamos ainda mais fascinados com os muitos corpos de água, o maior deles sendo o rio Imo e seus inúmeros afluentes.

Esse rio sinuoso contorna a floresta em um complexo circuito comparável apenas ao das veias humanas. Encontramo-nos com ele numa parte da cidade jorrando como de uma ferida profunda. Quando se viaja por um pequeno trecho de uma mesma estrada ele aparece — como que do nada

— atrás de uma montanha ou de um enorme desfiladeiro. Então ali, entre as coxas dos vales, ele volta a fluir. Mesmo se não o vemos pela primeira vez, é preciso passar apenas por Bende em direção a Umuahia, por dentro das aldeias de Ngwa, para um pequeno e silencioso afluente revelar sua face sedutora. O rio ocupa um lugar diferenciado nas mitologias do povo porque no universo deles a água é suprema. Eles sabem que todos os rios são maternais e por isso conseguem fazer coisas nascerem. Esse rio fez nascer a cidade de Imo. Pelas cidades vizinhas corre o Níger, um grande rio que em si já é uma lenda. Muito tempo atrás, em sua inexorável jornada, o Níger transbordou seus limites e juntou-se a outro, o Benue, num encontro que mudou para sempre a história do povo e das civilizações ao redor dos dois rios.

Egbunu, o testemunho que vim prestar à sua luminosa Corte esta noite começou no rio Imo quase sete anos atrás. Meu hospedeiro viajou para Enugu naquela manhã para renovar seu estoque de aves, como fazia com frequência. Tinha chovido em Enugu na noite anterior e havia água por toda parte — escorrendo dos tetos das casas, empoçadas nas estradas, nas folhas das árvores, gotejando das teias de aranha — e uma leve garoa caía no rosto e nas roupas dos moradores. Ele foi ao mercado com o espírito leve, as calças arregaçadas até o tornozelo para não manchar a bainha com a água suja enquanto andava de abrigo em abrigo, de loja em loja. O mercado fervilhava de gente como sempre, desde a época dos grandes pais, quando o mercado era o centro de tudo. Era ali que artigos eram permutados, realizavam-se festivais e eram conduzidas as negociações entre as aldeias. Por toda a terra dos pais, o santuário de Ala, a grande mãe, em geral se localizava perto do mercado. Na imaginação dos pais, o mercado era também um ponto de reunião de humanos que atraía a maioria dos espíritos vagantes — *akaliogolis*, *amosu*, trapaceiros e diversos seres vagabundos desencarnados. Pois, na Terra, um espírito sem um hospedeiro não é nada. É preciso habitar um corpo físico para exercer efeito sobre as coisas do mundo. E, por isso, os espíritos estão numa constante procura por receptáculos para ocupar, insaciáveis em sua busca por corporeidade. Eles devem ser evitados a qualquer custo. Uma vez vi um desses seres desesperados ocupar o corpo de um cachorro morto. Por algum método alquímico, ele conseguiu trazer aquela carniça à vida e cambaleiar alguns passos antes de abandonar o cão morto de novo na relva. Foi

uma visão assustadora. Por isso é considerado uma má ideia um *chi* deixar o corpo de seu hospedeiro num lugar como esse ou se afastar de um hospedeiro adormecido ou em estado inconsciente. Alguns desses seres desencarnados, em especial os espíritos malignos, às vezes tentam até sobrepujar um *chi* presente, ou que tenha saído para uma consulta em favor de seus hospedeiros. É por isso que você, Chukwu, nos alerta contra essas jornadas, principalmente à noite! Pois quando um espírito estrangeiro incorpora uma pessoa, é difícil retirá-lo! Por isso temos os doentes mentais, os epiléticos, homens com paixões abomináveis, assassinos dos próprios pais e outros! Muitos deles foram possuídos por estranhos espíritos, deixando seus *chi* desabrigados e reduzidos a seguir o hospedeiro por toda parte, implorando ou tentando negociar com o invasor — quase sempre em vão. Já vi isso muitas vezes.

Quando voltou à sua caminhonete, meu hospedeiro registrou em seu grande bloco que havia comprado oito aves adultas — dois galos e seis galinhas —, uma saca de painço, meia saca de ração e uma linha de nylon de cupins fritos. Pagou duas vezes mais que o preço normal de uma galinha por um galo branco como algodão, com uma grande crista e penas que pareciam de pelúcia. Quando pegou a ave do vendedor, seus olhos ficaram turvos de lágrimas. Por um instante, o vendedor e até o pássaro em suas mãos pareceram uma tremeluzente ilusão. O vendedor olhou para ele com o que pareceu ser uma expressão atônita, talvez se perguntando por que meu hospedeiro tinha se comovido tanto com a visão do galo. O homem não sabia que meu hospedeiro era um homem de instinto e paixão. E que tinha comprado aquela ave pelo preço de duas porque o pássaro mostrava uma incrível semelhança com um gansinho que tivera e que adorava muitos anos atrás, ainda na infância, uma ave que mudou sua vida.

Ebubedike, depois de comprar o valioso galo branco, partiu para sua viagem de volta a Umuahia se sentindo feliz. Seu espírito não se abateu nem mesmo ao perceber que havia passado mais tempo em Enugu do que pretendia e deixado de alimentar o restante de suas aves quase o dia inteiro. Nem mesmo se perturbou ao pensar no motim de piados e cacarejos, o que geralmente acontecia quando elas estavam famintas, o tipo de barulho de que até vizinhos distantes reclamavam. Nesse dia, ao contrário da maioria

dos outros, pagou os guardas com satisfação ao encontrar um bloqueio da polícia. Não argumentou que não tinha dinheiro, como costumava fazer. Quando chegou ao posto policial, com troncos cheios de pregos protuberantes para fazer o trânsito parar, foi logo estendendo o braço pela janela segurando um maço de notas.

Gaganaogwu, por muito tempo meu hospedeiro percorreu as estradas rurais que passavam pelas aldeias, entre cemitérios e afloramentos dos antigos pais, passando por estradas flanqueadas por ricas plantações e grandes arbustos, enquanto o céu escurecia lentamente. Insetos investiam contra o para-brisa e explodiam como frutas em miniatura até o vidro ficar coberto de pequenas manchas de muco de insetos liquefeitos. Duas vezes teve de parar para limpar a sujeira com um trapo. Mas logo tudo começava de novo, com os insetos investindo contra o vidro com força renovada. Quando chegou aos limites de Umuahia, o dia já estava em seu ocaso, e mal eram visíveis as letras na placa enferrujada que diziam BEM-VINDO A ABIA, O ESTADO DO PRÓPRIO DEUS. Seu estômago estava contraído por ter ficado o dia inteiro sem comer. Parou a pouca distância da ponte sobre o rio Amatu — um afluente do grande rio Imo —, estacionando atrás de uma carreta com a traseira coberta por uma lona.

Assim que desligou o motor, ouviu um arrastar de pés no piso da caminhonete. Desceu e pulou o fosso de irrigação que rodeava a cidade. Andou até a clareira, onde vendedores de rua trabalhavam debaixo de pequenos toldos de lona do outro lado da barragem, os estandes iluminados por velas e lampiões.

A escuridão do leste já tinha caído, e a estrada à frente e atrás já estava encoberta por uma manta escura quando ele voltou à caminhonete com um monte de bananas, uma papaia e uma sacola de plástico cheia de tangerinas. Acendeu os faróis e voltou para a estrada, com suas novas aves cacarejando na traseira da caminhonete. Estava comendo as bananas quando chegou à ponte sobre o rio Amatu. Tinha ouvido na semana anterior que — nessa que era a mais fecunda das estações chuvosas — o rio havia transbordado e afogado uma mulher e o filho. Geralmente não dava atenção aos boatos sobre

infortúnios que se espalhavam pela cidade como uma moeda corrente, mas essa história ficou na cabeça dele por alguma razão que nem eu, seu *chi*, consegui entender. Estava quase no meio da ponte, pensando naquela mãe e naquele filho, quando viu um carro parado perto da cerca de proteção, com uma das portas escancaradas. Primeiro ele viu apenas o carro, com o interior escuro e uma mancha de luz refletida na janela no lado do motorista. Mas, quando desviou o olhar, vislumbrou a aterrorizante cena de uma mulher tentando pular da ponte.

Agujiegbe, que estranho meu hospedeiro estar pensando havia dias sobre uma mulher que se afogara e de repente se ver diante de outra subindo numa barra da grade, com o corpo debruçado e tentando se atirar no rio. Quando viu a mulher, sentiu-se agitado por dentro. Parou a caminhonete, saiu e correu pela escuridão, gritando:

— Não, não, não faça isso. Por favor, não! Não faça isso. *Biko, eme na!*

Sua inesperada intervenção pareceu ter assustado a mulher. Ela se virou em passos rápidos, o corpo oscilando ligeiramente, e caiu para trás no chão, claramente aterrorizada. Meu hospedeiro correu para ajudá-la a se levantar.

— Não, mãezinha, não, por favor! — disse enquanto se abaixava.

— Saia daqui! — gritou a mulher quando ele se aproximou. — Saia daqui. Vá embora.

Egbunu, ao ser rejeitado, ele recuou em passos frenéticos, as mãos erguidas da maneira estranha que os filhos dos antigos pais usam para representar rendição ou derrota, dizendo:

— Eu paro, eu paro. — Virou de costas para ela, mas não conseguia ir embora. Temia o que ela faria se saísse dali, pois, sendo um homem de muita tristeza, sabia que o desespero era a doença da alma, capaz de destruir uma vida já abalada. Voltou a olhar para a mulher, as mãos abaixadas, estendidas à frente como esteios.

— Não, mãezinha. Não existe razão para alguém morrer desse jeito. Nenhuma razão, mãezinha.

A mulher lutou para se levantar, lentamente, primeiro se ajoelhando, depois erguendo o torso, sempre com os olhos fixos nele e dizendo: — Me deixe em paz. Me deixe sozinha.

Meu hospedeiro olhou para o rosto dela, agora sob a luz mortiça da caminhonete. Sua expressão era de medo. Os olhos pareciam inchados pelo que deveriam ter sido longas horas de choro. Percebeu de imediato que era uma mulher profundamente abalada. Pois qualquer homem que tenha sofrido dificuldades pessoais ou visto outros sofrerem consegue reconhecer essas marcas na expressão de outrem a distância. Enquanto a mulher estremeceu na luz, perguntou-se quem ela poderia ter perdido. Talvez um dos pais? O marido? O filho?

— Eu vou deixar você agora — falou, erguendo as mãos mais uma vez. — Vou deixar você sozinha. Juro pelo Deus que me criou.

Virou-se na direção da caminhonete, mas devido à gravidade da tristeza que vira no rosto nela, mesmo o momentâneo arrastar de seus pés se afastando parecia um ato atroz de falta de generosidade. Parou, ciente do peso na boca do estômago e da audível ansiedade em seu coração. Olhou para ela mais uma vez.

— Mas, mãezinha — falou. — Não pule, está ouvindo?

Apressado, abriu a traseira da caminhonete e destravou uma das gaiolas, olhando pela janela, murmurando para si mesmo que ela não deveria sair dali. Pegou duas aves pelas asas, uma em cada mão, e logo voltou à estrada.

Viu a mulher em pé onde a havia deixado, olhando na direção do veículo, parecendo em transe. Embora um espírito guardião não consiga ver o futuro e por isso não possa saber realmente o que seu hospedeiro fará — Chukwu, só você e as grandes deidades possuem o espírito da previsão e podem conferir essa dádiva a certos *dibias* —, eu consegui sentir. Mas como você nos alerta, aos espíritos guardiões, a não interferir em todos os assuntos de nossos hospedeiros, para deixar o homem exercer sua vontade e ser homem, eu procurei não detê-lo. Preferi induzir em sua mente o pensamento de que ele era um adorador de aves, que tivera sua vida transformada por sua relação com os seres alados. Naquele instante, projetei em sua mente uma imagem viva do gansinho que tivera. Mas foi de pouco efeito, pois num momento como esse, quando um homem é dominado pela emoção, ele se torna Egbenchi, o teimoso milhafre que não escuta e nem sequer entende o que lhe é dito. Prefere ir para onde quiser e fazer o que desejar.

— Nada, nada deveria levar alguém se jogar no rio e morrer. Nada. — Ergueu as aves acima da cabeça. — Isso é o que acontece se alguém cair lá embaixo. A pessoa morre, e ninguém nunca mais vai vê-la.

Arremeteu contra a grade de proteção, as mãos pesadas com as aves cacarejando em tons agudos e se agitando sob seu aperto. — Até mesmo essas aves — falou de novo, lançando-as da ponte na escuridão.

Por um momento, ficou vendo as aves lutarem contra a corrente térmica, batendo as asas contra o vento e lutando desesperadamente para sobreviver, sem conseguir. Uma pena pousou na pele da mão de meu hospedeiro, mas ele a espanou com tanta pressa e violência que sentiu uma dor fugidia. Em seguida, ouviu o som abafado do contato das aves com a água, seguido pelo ruído agitado das criaturas. A mulher também pareceu ouvir, e, ao ouvir, ele sentiu um vínculo indescritível — como se os dois tivessem se tornado testemunhas solitárias de um inestimável crime secreto. Ficou ali parado até ouvir os soluços da mulher. Olhou para ela, voltou a olhar para as águas escondidas da visão pela escuridão e de novo para a mulher.

— Está vendo? — continuou, apontando o rio enquanto o vento gemia como uma tosse entalada na garganta ressecada da noite. — Isso é o que vai acontecer se alguém cair lá embaixo.

O primeiro carro a chegar à ponte depois dele se aproximou bem devagar. Parou a alguns passos dos dois, tocou a buzina e o motorista disse alguma coisa que ele não conseguiu entender, mas que tinha sido falada na língua do Homem Branco e que eu, seu *chi*, ouvi:

— Espero que vocês não sejam assaltantes, oh!


Logo depois o carro se afastou, ganhando velocidade.

— Está vendo? — repetiu meu hospedeiro.

Assim que as palavras saíram de seus lábios, ele recuperou a calma, como costuma acontecer em tais ocasiões, quando um homem, tendo feito algo fora do comum, se recolhe em si mesmo. Só conseguia pensar em sair daquele lugar, e esse pensamento se abateu sobre ele como uma paixão avassaladora. E eu, seu *chi*, projetei em sua mente o pensamento de que ele já havia feito o suficiente, que era melhor ir embora. Então, meu hospedeiro correu para a caminhonete e deu a partida em meio ao motim de vozes na traseira. Pelo espelho retrovisor lateral, a visão da mulher sobre a ponte lampejou como um espírito invocado ao campo de luz, mas ele não parou nem olhou para trás.

"O caçador de pipas africano"

BBC



OS
PESCADORES

ROMANCE



CHIGOZIE OBIOMA

Chigozie Obioma

OS PESCADORES

Tradução: Claudio Carina

GLOBOLIVROS

I PESCADORES

NÓS ÉRAMOS PESCADORES:

Meus irmãos e eu nos tornamos pescadores em janeiro de 1996, depois que o Pai se mudou de Akure, uma cidade a oeste da Nigéria, onde havíamos morado juntos nossa vida inteira. O Banco Central da Nigéria, onde ele trabalhava, transferiu-o para uma filial em Yola — uma cidade no norte, mais de mil quilômetros distante — na primeira semana de novembro do ano anterior. Eu lembro da noite em que o Pai voltou para casa com a carta de transferência; foi numa sexta-feira. Entre aquela sexta-feira e o sábado, ele e a Mãe confabularam aos sussurros, como sacerdotes em um santuário. Na manhã do domingo, a Mãe parecia um ser diferente. Tinha adquirido um andar de rato molhado, desviando os olhos enquanto andava pela casa. Não foi à igreja naquele dia, ficou em casa e lavou e passou uma pilha de roupas do Pai, sempre com uma impenetrável expressão sombria no rosto. Nenhum deles disse uma palavra a mim ou aos meus irmãos, e também não perguntamos nada. Eu e meus irmãos — Ikenna, Boja e Obembe — já tínhamos aprendido que, quando os dois ventrículos do nosso lar — nosso pai e nossa mãe — mantinham silêncio, como os ventrículos do coração que retêm sangue, poderíamos acabar inundando a casa se os cutucássemos. Por isso, nessas ocasiões, ficávamos longe da estante de oito colunas que abrigava a televisão na nossa sala de estar. Era melhor permanecer em nossos quartos, estudando ou fingindo

estudar, ansiosos, mas sem fazer perguntas. Enquanto estávamos lá, esticávamos nossas antenas para captar o que pudéssemos da situação.

Ao cair da noite, migalhas de informação começaram a se desprender do solilóquio da Mãe, como penugens de um pássaro muito emplumado.

— Que espécie de emprego afasta um homem dos filhos que está criando? Mesmo se eu tivesse nascido com sete mãos, como seria capaz de cuidar sozinha dessas crianças?

Apesar de não se dirigirem a ninguém em particular, aquelas exaltadas perguntas destinavam-se aos ouvidos do Pai. Sentado numa poltrona na sala de estar, o rosto encoberto pelas páginas de seu jornal favorito, o *Guardian*, ele lia ao mesmo tempo que escutava a Mãe. Mesmo que estivesse ouvindo tudo o que ela dizia, o Pai sempre fazia ouvidos moucos para palavras não dirigidas diretamente a ele e as chamava de “palavras covardes”. Por isso, ele continuou lendo, às vezes interrompendo para refutar ou aplaudir em voz alta algo que tinha lido no jornal:

— Se houvesse justiça neste mundo, Abacha já estaria sendo velado por aquela bruxa da mulher dele.

— Uau, o Fela Kuti é um deus! Minha nossa!

— Esse Reuben Abati devia ser demitido!

Qualquer coisa, só para deixar claro que os lamentos da Mãe eram fúteis; choramingos aos quais ninguém estava prestando atenção.

Antes de nos deitarmos naquela noite, Ikenna, que tinha quase quinze anos e em quem confiávamos para interpretar a maioria das coisas, sugeriu que o Pai estava sendo transferido. Boja, um ano mais novo, que podia parecer bobo se não aparentasse ter noção alguma da situação, disse que talvez o Pai fosse viajar para o exterior, para o “mundo ocidental”, o que sempre temíamos que um dia ele tivesse de fazer. Obembe, com onze anos, dois anos mais velho que eu, não tinha uma opinião. Nem eu. Mas não tivemos que esperar muito tempo.

A resposta veio na manhã seguinte, quando o Pai apareceu de repente no quarto que eu dividia com Obembe. Ele usava uma camiseta marrom. Pôs os óculos em cima da mesa, um gesto que exigia nossa atenção.

— Eu vou morar em Yola a partir de hoje, e não quero que vocês criem nenhum problema para sua mãe. — O rosto dele se contorceu quando disse

isso, como sempre fazia quando queria pôr medo na gente. Ele falou devagar, a voz alta e grave, as palavras sendo cravadas como vigas em nossas cabeças. Dessa forma, se tentássemos desobedecer, ele nos lembraria do exato momento em que nos deu a instrução nos mínimos detalhes, com uma única frase: “Eu falei para vocês”.

— Vou telefonar para ela regularmente e, se ouvir alguma reclamação — ele ergue o indicador para reforçar as palavras —, quero dizer, se souber de qualquer molecagem, vocês vão se ver com o Guerdon.

Ele disse a palavra “Guerdon” — uma palavra que enfatizava uma recomendação ou sublinhava um castigo por alguma desobediência — com tanto vigor que as veias nos dois lados do seu rosto saltaram. Essa palavra, quando pronunciada, em geral concluía a mensagem. Tirou duas notas de vinte nairas do bolso da frente do paletó que carregava e jogou na nossa escrivaninha.

— É para vocês dois. — E com essas palavras, saiu do quarto.

Obembe e eu ainda estávamos sentados na cama tentando entender tudo aquilo quando ouvimos a Mãe falar com ele no lado de fora da casa, numa voz tão alta que parecia que o Pai já estava bem longe.

— Eme, não esqueça que você tem filhos crescendo aqui! — bradou. — Escute o que estou dizendo!

Ela ainda falava quando o Pai deu partida no seu Peugeot 504. Quando ouvimos aquele som, Obembe e eu saímos correndo do quarto, mas o carro do Pai já estava passando pelo portão. Ele já tinha ido embora.

Sempre que penso na nossa história, em como aquela manhã marcaria o fim do período em que moramos todos juntos, como uma família de verdade, eu começo a desejar — mesmo agora, duas décadas mais tarde — que ele não tivesse partido, que nunca tivesse recebido aquela carta de transferência. Antes daquela carta, tudo estava no lugar: o Pai ia trabalhar toda manhã, e a Mãe, que vendia produtos frescos no mercado, cuidava dos meus cinco irmãos e de mim, que, como os filhos da maioria das famílias de Akure, frequentávamos a escola. Tudo seguia a ordem natural das coisas. Pensávamos pouco nos eventos passados. O tempo não significava nada naquela época. Os dias chegavam com nuvens pairando no céu, cheios de poeira na estação seca e com o sol se estendendo noite adentro. Na estação das chuvas, era como se uma das mãos

desenhasse imagens difusas no céu quando a água caía em dilúvios pulsantes e trovoadas espasmódicas durante seis meses sem interrupção. Como as coisas seguiam esse padrão conhecido e estruturado, nenhum dia era digno de uma lembrança específica. Só o que importava eram o presente e o futuro previsível. Lampejos do futuro vinham quase sempre como uma locomotiva passando por trilhos de esperança, com carvão negro no coração e um apito tão estridente que mais lembrava o urro de um elefante. Às vezes, esses lampejos vinham em sonhos ou como pensamentos fantasiosos que murmuravam nas nossas cabeças: *Eu vou ser piloto, ou presidente da Nigéria, um homem rico, terei helicópteros*, pois o futuro era o que fazíamos dele. Era uma tela em branco na qual tudo podia ser imaginado. Mas a mudança do Pai para Yola alterou a equação das coisas: o tempo, as estações e o passado ganharam importância, e começamos a desejá-lo mais do que o presente e o futuro.

Ele foi morar em Yola naquela manhã. O telefone de mesa verde, usado principalmente para receber ligações do sr. Bayo, amigo de infância do Pai que morava no Canadá, tornou-se a única forma de entrarmos em contato com ele. A Mãe esperava pelas ligações, ansiosa, marcando os dias em que ele telefonava no calendário do quarto dela. Sempre que o Pai não ligava num dia marcado e a Mãe perdia a paciência de tanto esperar, geralmente bem depois da meia-noite, ela desatava o nó na bainha da *wrappa*, pegava o pedaço de papel amassado em que tinha anotado o número do telefone e discava incessantemente até ele atender. Se ainda estivéssemos acordados, nos amontoávamos ao redor dela para ouvir a voz do Pai, pedindo para ela insistir que ele nos levasse para a nova cidade. Mas o Pai sempre se recusava. Yola, reiterava, era uma cidade volátil, com histórias de violência em massa, especialmente contra gente da nossa tribo — os igbos. Continuamos insistindo até a eclosão das sangrentas manifestações sectárias de março de 1996. Quando finalmente conseguiu telefonar, o Pai contou — com o som de tiros esporádicos sendo ouvido ao fundo — como por pouco tinha escapado de morrer quando manifestantes atacaram o bairro onde morava e como uma família inteira havia sido massacrada na casa que ficava em frente à sua.

— Criancinhas mortas como galinhas! — falou, dando ênfase à palavra “criancinhas” de um jeito que ninguém em sã consciência ousaria falar em ir morar com ele de novo, e não se falou mais nisso.

O Pai fazia questão de nos visitar uma vez a cada duas semanas, chegando no Peugeot 504 empoeirado, exausto depois de quinze horas ao volante. Esperávamos, impacientes, por aqueles sábados em que o carro dele buzinava no portão e corríamos para abrir, ansiosos para ver o petisco ou o presente que ele trouxera daquela vez. Depois, quando começamos a nos acostumar a vê-lo no intervalo de algumas semanas, as coisas mudaram. Sua presença gigantesca, que exalava decoro e tranquilidade, foi encolhendo até ficar do tamanho de uma ervilha. A rotina de compostura, obediência, estudo e sesta compulsória estabelecida — um padrão tradicional na nossa existência diária — foi aos poucos perdendo a força. Um véu encobriu seus olhos que tudo viam, que acreditávamos ser capazes de perceber a menor coisa errada que fizessemos escondida. No início do terceiro mês, o longo braço que com tanta frequência estalava o chicote, o instrumento de alerta, cedeu como um graveto alquebrado. E nós ficamos livres.

Guardamos nossos livros nas prateleiras e partimos para explorar o sagrado mundo exterior, que não era o que conhecíamos. Aventuramo-nos no campo de futebol do bairro, onde a maioria dos garotos da rua jogava todas as tardes. Esses garotos eram uma matilha de lobos; não nos receberam bem. Embora só conhecêssemos um deles, Kayode, que morava a alguns quarteirões de nós, os garotos conheciam a nossa família e a nós, sabiam até os nomes de nossos pais e estavam sempre nos provocando, nos açoitando todos os dias com seus chicotes verbais. Apesar dos estonteantes dribles de Ikenna e das maravilhas que Obembe fazia no gol, eles nos chamavam de “amadores”. Estavam sempre caçoando, dizendo que nosso pai — o sr. Agwu — era um homem rico que trabalhava no Banco Central da Nigéria e que éramos garotos privilegiados. Escolheram um estranho apelido para o Pai: Baba Onile, em referência ao personagem principal de uma popular novela iorubá, que tinha seis esposas e vinte e um filhos. O nome tinha a intenção de tirar sarro do Pai, cujo desejo de ter muitos filhos tinha se tornado lendário no nosso bairro. Era também o nome em iorubá para o louva-deus, um inseto verde, feio e esquelético. Não conseguíamos aguentar aqueles insultos. Ikenna, entendendo que éramos minoria e que não venceríamos uma luta contra aqueles garotos, costumava implorar, como crianças católicas que éramos, para que parassem

com os insultos contra nossos pais, que não tinham feito nada que os prejudicasse. Mas eles continuaram, até uma noite em que Ikenna, enlouquecido com a menção do apelido, deu um empurrão em um dos garotos. Num movimento rápido, o garoto chutou o estômago de Ikenna e se atracou com ele. Por um breve momento, os pés deles descreveram giros imperfeitos no campo coberto de areia enquanto se engalfinhavam. No fim, o garoto derrubou Ikenna e jogou um punhado de terra na cara dele. Os outros meninos aplaudiram e ergueram o garoto nos ombros, as vozes se mesclando num coro vitorioso, cheio de apupos e *uh-hus*. Naquela noite, fomos para casa abatidos e nunca mais voltamos lá.

Depois dessa briga, cansamos de sair de casa. Por sugestão minha, suplicamos à Mãe para convencer o Pai a liberar o videogame para jogarmos *Mortal Kombat*, que ele tinha confiscado e escondido em algum lugar no ano anterior quando Boja — conhecido por sua habitual posição de primeiro da classe — voltou para casa com 24^º escrito em tinta vermelha no boletim e o alerta de *Provável repetência*. Ikenna não foi muito melhor: ficou em 16^º entre quarenta e chegou com uma carta da professora, sra. Bukky, endereçada ao Pai. Ele leu a carta em tal estado de fúria que as únicas palavras que ouvi foram:

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! —, que ficou repetindo como um refrão. Confiscou o videogame e nos privou para sempre de momentos que nos faziam contorcer de entusiasmo, gritando e uivando sempre que o narrador invisível do jogo dava a ordem “*Finish him*”, e o vencedor infligia pesados golpes no perdedor, com chutes que o levavam ao céu ou o arrebentavam numa grotesca explosão de sangue e ossos. A tela zumbia com a palavra “*fatality*”, inscrita em caracteres estroboscópicos incandescentes. Uma vez, Obembe — no meio do processo de se aliviar — saiu correndo do banheiro só para vir gritar junto com a gente “*That is fatal!*”, com um sotaque americano que imitava a locução do jogo. Depois, a Mãe o castigou quando descobriu que havia soltado excremento no tapete sem perceber.

Frustrados, voltamos a tentar encontrar uma atividade física para preencher o nosso tempo depois das aulas, já que estávamos livres dos estritos regulamentos do Pai. Então, reunimos amigos da vizinhança para jogar futebol no campinho atrás da nossa casa. Trouxemos Kayode, o único garoto que

conhecíamos na matilha de lobos com os quais jogamos no campo de futebol do bairro. Kayode tinha um rosto andrógino e um sorriso perene e simpático. Igbafe, nosso vizinho, e o primo dele, Tobi — um garoto meio surdo, que cansava nossas cordas vocais de tanto perguntar *Jo, kini o nso?* — Por favor, o que você disse? —, também se juntaram a nós. Tobi tinha umas orelhas grandes, que pareciam não fazer parte do corpo. Ele quase não se ofendia — talvez porque às vezes não ouvisse, pois a gente cochichava — quando o chamávamos de *Eleti Ehoró* — Orelhas de Coelho. Corríamos naquele campinho até ficar sem fôlego, usando camisetas de futebol baratas em que escrevíamos nossos apelidos futebolísticos. Jogávamos como desvairados, sempre chutando a bola nos quintais das casas vizinhas e adotando comportamentos grosseiros para recuperá-la. Muitas vezes, chegávamos bem a tempo de ver um vizinho furando a bola, sem se comover com nossas súplicas, pois a bola tinha acertado alguém ou destruído alguma coisa. Uma vez, a bola passou por cima da cerca de um vizinho, acertou a cabeça de um aleijado e o derrubou da cadeira. Em outra ocasião, a bola quebrou o vidro de uma janela.

Toda vez que eles destruíam uma bola, juntávamos dinheiro para comprar outra, menos Kayode, que fazia parte da crescente população mais pobre da cidade e não podia contribuir nem com um kobo. Kayode usava calções rasgados e puídos e morava com os pais mais velhos, líderes espirituais de uma pequena igreja cristã apostólica, instalada numa casa de dois andares semiterminada, pouco depois da curva da estrada perto da nossa escola. Como não podia contribuir, Kayode rezava por cada nova bola, pedindo a ajuda de Deus para mantê-la por muito mais tempo e não deixar que saísse do campinho.

Um dia, compramos uma bola branca com o logotipo dos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996. Começamos a jogar quando Kayode acabou de rezar, mal tinha se passado uma hora de jogo quando Boja deu um chute e a bola caiu no quintal de um médico. A bola quebrou uma das janelas da exuberante casa com um estrondo, acordando dois pombos que dormiam no telhado e saíram voando assustados. Esperamos a certa distância para podermos fugir se alguém viesse atrás da gente. Depois de um bom tempo, Ikenna e Boja foram até a casa, enquanto Kayode se ajoelhava para rezar pela intervenção divina. Quando os emissários chegaram ao seu destino, o médico saiu em

disparada, como se já estivesse esperando por eles, fazendo com que todos corrêssemos como loucos para escapar. Naquela noite, quando chegamos em casa, suados e ofegantes, já sabíamos que o futebol tinha acabado para nós.

Nós nos tornamos pescadores quando Ikenna voltou da escola na semana seguinte entusiasmado com a nova ideia. Era final de janeiro, pois lembro que era o aniversário de catorze anos de Boja, dia 18 de janeiro de 1996, e comemoramos naquele fim de semana com um bolo feito em casa e refrigerantes na hora do jantar. O aniversário dele marcava o “mês da mesma idade”, o período de um mês em que ele tinha temporariamente a mesma idade de Ikenna, nascido um ano antes, em 10 de fevereiro. Um colega de classe de Ikenna, Solomon, havia falado sobre os prazeres da pesca. Ikenna contou que Solomon definia o esporte como uma experiência emocionante e também lucrativa, já que podia vender parte dos peixes e ganhar um pouco de dinheiro. Ikenna ficou ainda mais entusiasmado porque a ideia abria a possibilidade de ressuscitar Yoyodon, o peixe. O aquário, que um dia estivera perto da televisão, abrigava um acará incrivelmente bonito que parecia uma colônia de cores — marrom, violeta, púrpura e até verde-claro. O Pai deu ao peixe o nome de Yoyodon quando Obembe disse uma palavra com um som semelhante ao tentar pronunciar Symphysodon: o nome da espécie do peixe. O Pai deu um fim ao aquário quando Ikenna e Boja, num gesto compassivo para livrar o peixe da “água suja” em que nadava, a trocaram por água limpa e potável. Quando voltaram, perceberam que o peixe não conseguia mais levantar do leito de pedregulhos e corais brilhantes do fundo.

Assim que Solomon falou sobre pesca com Ikenna, nosso irmão jurou que iria capturar um novo Yoyodon. Ele foi com Boja até a casa de Solomon no dia seguinte e voltou entusiasmado falando sobre *esse* e *aquele* peixe. Eles compraram dois carretéis de linha de pesca e anzóis num lugar que Solomon indicou. No dia seguinte, Ikenna os colocou em cima da mesa que ficava no quarto deles e explicou como eram usados. As linhas vinham enroladas em longos bastões de madeira com uma corda amarrada na ponta. Anzóis de ferro eram atados na ponta da corda, e era nesses ganchos, disse Ikenna, que se

prendiam as iscas — minhocas, baratas, restos de comida, o que fosse — para atrair e capturar os peixes. Do dia seguinte em diante, durante uma semana inteira, eles saíam todos os dias da escola e percorriam o longo e tortuoso caminho até o rio Omi-Ala no fim do nosso bairro para pescar, passando por uma clareira atrás da nossa casa, que fedia na estação das chuvas e servia para abrigar uma família de porcos. Eles iam com Solomon e outros garotos da rua e voltavam com latas cheias de peixes. No começo, não deixavam Obembe e eu irmos junto, apesar de termos ficado muito interessados quando vimos os peixes pequenos e coloridos que apanhavam. Então, um dia Ikenna disse para mim e Obembe:

— Venham comigo, vamos transformar vocês em pescadores!

E lá fomos nós.

Começamos a ir até o rio todos os dias depois da escola, junto de outras crianças da rua, numa procissão liderada por Solomon, Ikenna e Boja. Os três costumavam levar as linhas de pesca escondidas em trapos ou em velhas *wrappas*. Os demais — Kayode, Igbafe, Tobi, Obembe e eu — levavam coisas que variavam de mochilas com trajes de pesca até sacos de nylon com minhocas e baratas mortas que usávamos como iscas, e também umas latas de bebida vazias onde guardávamos os peixes e girinos que apanhávamos. Andávamos juntos até o rio, passando no meio de arbustos cheios de espinhos que arranhavam nossas pernas descobertas e deixavam vergões brancos na pele. Os vergões que os espinhos deixavam em nós combinavam com o estranho termo botânico que denomina a vegetação predominante na região, *esan*, palavra que em iorubá pode significar retribuição ou vingança. Percorriamos essa trilha em fila indiana e, assim que passávamos por essa vegetação, corríamos para o rio como loucos. Os mais velhos, Solomon, Ikenna e Boja, costumavam se trocar e usar seus trajes sujos de pescaria. Eles ficavam em pé na margem do rio, segurando as linhas acima da água, os anzóis abaixo na superfície. Apesar de pescarem como homens experientes, que conheciam o rio desde o berço, em geral só conseguiam fisgar pequenos lambaris, ou garoupas que eram muito mais difíceis de pegar e, de vez em quando, algumas tilápias. O restante de nós só conseguia pegar girinos com as latas de bebida vazias. Eu adorava os girinos, seus corpos esguios e cabeças exageradas, que pareciam

quase disformes e eram como uma versão de baleias em miniatura. Por isso eu os observava, admirado, enquanto voltavam embaixo da água, e meus dedos ficavam pretos de tanto esfregar a gosma cinzenta que recobria a pele deles. Às vezes pegávamos conchas de coral ou cascas vazias de artrópodes mortos há muito tempo. Levávamos caracóis redondos em forma de antigos fósseis, os dentes de algum monstro — que viemos a acreditar pertencer a uma era distante, porque Boja argumentou com veemência que eram de um dinossauro e os levou para casa —, restos do couro de uma cobra que trocou de pele na margem do rio e qualquer outra coisa interessante que encontrássemos.

Só uma vez conseguimos pegar um peixe suficientemente grande para vender, e sempre me lembro desse dia. Solomon pescou um peixe gigantesco, maior que todos os que já tínhamos visto no Omi-Ala. Então, Ikenna e Solomon foram até o mercado ali perto e voltaram ao rio pouco mais de meia hora depois com quinze nairas. Meus irmãos e eu fomos para casa com seis nairas, que era a nossa parte da venda, com uma alegria transbordante. Começamos a pescar mais desde então, ficando acordados até tarde da noite para conversar sobre a experiência.

Nossas pescarias eram organizadas com muito zelo, como se uma fiel plateia se reunisse diariamente na margem do rio para nos observar e aplaudir. Não ligávamos para o cheiro da água cheia de juncos, para os insetos voadores que se reuniam em enxames ao redor das margens todas as tardes, nem para a nauseante visão das algas e folhas que formavam um mapa das nações problemáticas do mundo na outra margem do rio, onde árvores varicosas mergulhavam na água. Íamos todos os dias com latas enferrujadas, insetos mortos e mihocas derretendo, vestidos praticamente de trapos e roupas velhas. Vivíamos muitas alegrias nessas pescarias, apesar das dificuldades e do pouco retorno.

Hoje, quando olho para trás, como tenho feito com mais frequência agora que tenho meus filhos, percebo que foi durante uma dessas idas ao rio que nossas vidas e o nosso mundo mudaram. Pois foi nele que o tempo começou a ter importância, foi naquele rio que nos tornamos pescadores.